

Política e intempestividade: notas sobre o amadorismo contemporâneo

Doutorando Rodrigo Cascardo (PUC-Rio)

Resumo:

O presente trabalho pretende buscar, em seu corpo maior, uma reflexão em torno de registros singulares da política na contemporaneidade. Na escrita/leitura desse processo, buscaremos mapear continuidades e rupturas de determinadas discussões *em andamento* no campo da crítica cultural, contrastando algumas produções e circuitos que nos permitam assinalar um amplo campo de relevâncias também em torno da ética e do trabalho no mundo contemporâneo. Em especial, tomaremos a figura do ‘amador’ como ponto central de tensão e resistência na criação de possíveis, apresentando-o enquanto condição política da contemporaneidade.

1 Introdução

A simultaneidade com que eclodiram, no mundo inteiro, uma série de manifestações localizadas, mas que tomaram a dimensão de um movimento global, e a quase unânime incapacidade das instâncias de representação em estabelecer um diálogo com essa complexidade nos acena para o grande desafio que os nossos tempos demandam das formas de se pensar e fazer política. As recentes inovações de uma época que, entre outros termos utilizados para dizer/definir a atualidade, enuncia-se como *era da informação*, vem promovendo deslocamentos na comunicação entre as pessoas, empreendendo a circulação de conteúdos numa intensidade que nos engata e nos engatilha, e alterando, não raro de modo radical, as formas de ser, estar e se relacionar com o mundo.

Apesar de, em geral, não apresentarem alternativas políticas organizadas, tais manifestações expressam profundo ceticismo e até mesmo repulsa contra as vigentes estruturas partidárias e sindicais. Tratar tais questões apenas como sintomas de uma crise econômica e financeira (sentida pela população no aumento do desemprego ou na carência para com os gêneros alimentícios) é esvaziar o debate que se inscreve no horizonte

contemporâneo. Acompanhamos uma singular convergência de diferentes motivos e pontos geográficos que apontam para uma crise social, que se dirige às formas de representação, mas que acena também para reconfigurações no campo do trabalho e para muitas implicações éticas. Nosso interesse é apresentar condições que emergem e/ou se renovam nessa perspectiva, sugerindo deslocamentos potentes que nos permitam, nos estudos futuros, inventariar amostras e tatear importâncias em questões que pretendemos tornar sensíveis em torno da política na contemporaneidade.

2

No contexto que, em nossos tempos, tem interessado ao âmbito das produções discursivas, o termo *contemporâneo* tem sido apresentado a partir da ideia de uma *relação singular com o próprio tempo*, na medida em que isso presume *assumir uma postura crítica* frente às questões de sua época. Um dos sentidos dados pelo filósofo Michel Foucault para a palavra ‘modernidade’ é exatamente esse. Lemos o contemporâneo como o desejo de ultrapassagem do moderno já inscrito na própria modernidade – a mesma que viria se conceber como *pós* tantas coisas. Entre esse próximo somos que ainda não veio, e aquele esse em que já não estamos, carecemos de língua para nomear o ponto em que nos situamos, e também notamos que a linguagem que detemos não parece dar conta das muitas transformações que estamos presenciando, e, tampouco pode enunciar propostas inovadoras para contemplar nossos desejos democráticos.

Nietzsche e Benjamin (pares de importância no já célebre texto ‘O que é o contemporâneo’, de Giorgio Agamben) assinalam em sua crítica ao historicismo tanto a pretensa verdade dos fatos históricos (resultado de um embate de forças, tradições e gerações) quanto a importância de notarmos os manejos pelos quais diferentes épocas entram em contato com épocas anteriores. Assumindo que a cultura como um todo está aberta para retornos e ligações, e que, portanto, podemos reescrever os fatos ao por os tempos em relação, gostaríamos de assinalar alguns aspectos no fascinante processo de comunicação entre os neurônios que sugere afinções com o entendimento que traçamos em torno da noção de contemporâneo.

As terminações de contato entre cada uma dessas células, chamadas *sinapses*, oferecem via-expressa para os impulsos elétricos ventilarem sinais codificados pela

parabólica-corpo, pondo os neurônios *em conversa*; realizam, assim, a análise (crítica) de informações sobre o estado do organismo e do ambiente externo numa proximidade com históricos de afinidade. Essa convivência produzindo circulação discursiva perante à constante demanda de trabalho faz com que a cada vez que um grupo de neurônios dispare junto, a tendência de que o façam novamente seja aumentada. Há uma lei formulada por Donald Hebb acerca da plasticidade da rede sináptica que representa bem o recorte que nos interessa no presente trabalho para a noção de ‘contemporâneo’. Tal entendimento é o de que **neurônios que disparam juntos permanecem disparando juntos** - disparar junto é não apenas uma ação compartilhada dentro de uma temporalidade específica, mas a indicação de uma foco de atração, peça chave nesse contemporâneo de proximidades interativas. A atração é condição incontornável para a sensação de contemporaneidade entre os corpos. A cada disparo de um vizinho na rede neural ocorre também uma alteração química na superfície dos neurônios que os torna mais sensíveis a esses disparos, tornando-os também mais participativos. O contemporâneo do qual falamos consiste na sensação do corpo sentir-se **em andamento** com o mundo. E essa produção de uma relação de tempo presente entre os corpos (que **disparam juntos**) acaba por aumentar, portanto, sua potencia de agir. Acreditamos, por fim, que os modos, desejos e desafios da política na contemporaneidade (inclusive tudo aquilo que não tem sido compreendido nos eventos mais recentes) devem ser lidos a partir dessa constatação marcante em torno dos nossos tempos.

3

Se tivéssemos que escolher uma figura que encenasse, ao mesmo tempo, as tensões entre tecnologias, instâncias de representação, grupos e organizações de certos campos de trabalho e as demandas da multidão contemporânea – assinalando ainda para o amplo processo pelo qual uma série de termos de nosso pensamento vem sendo revisados – essa com certeza seria a do ‘amador’. Apesar de sua etimologia derivar do latim *amare* (pois o amador escolhe seu campo de produção por amar a prática que o envolve), em sua longa série temporal, a ideia de amadorismo sempre teve um significado negativo. Numa linguagem corporativa, por exemplo, trata-se de um funcionário que talvez até seja qualificado para uma função, mas que, dentro de um circuito de técnicas e processos mapeados, não é devidamente capacitado. Não lhe coube se apropriar dos recursos e procedimentos, talvez sequer os

básicos, não os introjetou, é possível, inclusive, que tenha escolhido não modelar sua prática em torno deles. Apesar de sua recorrente aparição em nossos dias continuar, em muito, atrelada aos sentidos que lhe são tradicionalmente atribuídos, também entendemos que na contemporaneidade é sugerida certa brecha para que esse termo seja retomado de forma não apenas pejorativa. É justamente essa **diferença** do amadorismo em nossos tempos que nos interessa demarcar, e é a partir dela que pretendemos assinalar variadas manifestações de um mesmo processo *em andamento* no mundo em que vivemos.

A progressiva reorganização da produção e circulação de conteúdos na contemporaneidade (assim como a ampliação da autonomia nas formas de se conceber e comunicar ações políticas) nos faz acreditar na necessidade de revermos e ampliarmos o escopo do entendimento pelo qual definimos a noção de amadorismo. Pois o que tais inovações tecnológicas propiciaram foi uma reconfiguração completa do campo de relações do amador: a partir da progressiva revolução que vêm passando não só o campo das comunicações, mas também o corpo de possibilidades e estratégias na produção de conteúdos, podemos notar o quão inadequadas se tornaram as dinâmicas de oposição entre *amador e profissional* – quando afirmamos que o amadorismo não está mais atrelado exclusivamente a uma qualidade inferior ou a um local deslocado dentro de um circuito (este de que falamos aqui não é o incompetente e/ou excluído à margem dos roteiros privilegiados de circulação), estamos ressaltando que o amador (como sempre se soube) afeiçoa-se a um saber prático, inclinado a um *queimar etapas*. Mas estamos também, principalmente, demarcando seu traço diferido que na contemporaneidade faz com que as relações de antagonismo que ele estabelece sejam, antes, com os agentes, dispositivos e práticas da especialização. Pois profissional é a qualidade do trabalho que tanto amadores quanto especialistas podem apresentar (e isso só é possível por essas contínuas inovações da tecnologia da montagem de conteúdos – as edições, mixagens e *sampleamentos* que permitem que táticas da mídia estejam acessíveis, potencialmente, a todo cidadão).

O cada vez mais potencial acesso aos modos de produção por uma parcela considerável da população mundial acena para a iminente redistribuição das formas de montar histórias e visibilidades, e no que ampliam consideravelmente os modos de atuação e articulação coletiva no campo da política, amplificam também as complexidades éticas em torno do que é ou não adequado dentro do campo de relações no mundo contemporâneo.

O amadorismo na atualidade não desconsidera ou inutiliza os saberes da especialização, e tampouco se vê livre ou isento dos conteúdos usualmente pejorativos que lhe são

atribuídos. Mas enquanto o especialista pressupõe uma carência de rotas para mobilidade e trânsito de seus discursos, *descrevendo* mais do que *explicando*, apresentando falas já (d)escritas, o amador encarna uma postura que articula um repertório de conhecimento com o qual é capaz de dar continuidade aos questionamentos e perguntas atuais. Este não faz da sua produção um terreno da perícia; faz o que faz habitando um espaço que não porta o signo do industrial, da repetição serializada – nisso está, sem dúvida, mais próximo da carpintaria e do artesanato. Não traz a tiracolo uma cartilha ou livro de receitas. Suas repetições se dão sempre contextualizadas, ou seja, em relação, e, portanto, em diferença. Ele é um curioso, um interessado. Essa ampliação na superfície do amadorismo nos parece atentar para o fato de que, em meio às novas possibilidades de usos e sociabilidades, a *assinatura* contemporânea passa por um *faça você mesmo*, ou até mesmo, um *just do it* (o uso de um dos mais conhecidos slogans da publicidade se faz para assinalar como esse amadorismo não está restrito a um local excluído dos principais circuitos da produção contemporânea. Por esse recorte que propomos, a figura do amador chega a encarnar certa exigência de nossos tempos, tendo sido, enquanto ideia, há muito incorporado pelo mercado). Esse amadorismo não vem acompanhado de um manual de instruções, é simplesmente um *tomar posse*, um *queimar etapas* pela prática, o inventar uma língua naquilo que desconhece. No que brinca com o que não domina, o amador persiste bruto tributário das “contribuições milionárias de todos os erros” (Andrade, 61), apontando para um artesanato iniciado pelos modos de ignorar que dependem de um olhar em eterno flerte com o que lhe rodeia, afirmativo e empreendedor, curioso, bordas que fazem do amadorismo o campo de fabricação de uma lente intempestiva e autoral.

Conclusão

A forma como o amador organiza as informações de que dispõe em torno de um campo de aproximações íntimas, isto é, próximas, é utilizando-se de modos investigativos familiarizados com “a alegria dos que não sabem e descobrem” (ANDRADE, 2011, p. 60). Parece até que, notando o quão frágeis são as pretensas verdades numa era de incertezas, não poderíamos senão entender a “condição do amador como uma posição teórica e política” (RANCIÈRE, 2012, p.16). Pela tessitura alternada de proximidades e distâncias, ao articular um repertório de conhecimento com o qual é capaz de dar continuidade aos questionamentos

e perguntas atuais, o amador valoriza a importância de “mantermo-nos na relação justa com uma ignorância, deixar que um desconhecimento guie e acompanhe os nossos gestos” (AGAMBEN, 2010, p. 132).

A completa reconfiguração que estamos propondo para o campo de relações do amador faz com que a questão da tecnologia não possa ser relativizada. O maior acesso aos suportes e softwares de produção e pós-produção dos meios audiovisuais faz com que a produção de conteúdo seja descentralizada – abre-se, portanto, espaço para redefinições de estéticas e nichos de linguagem. É o impacto dessa configuração contemporânea que nos permite acenar com tranquilidade para a necessidade de considerarmos deslizos nos usos e sentidos que atribuímos ao amadorismo. O amadorismo torna-se um modo de produção cultural por excelência, um ritmo contemporâneo de organizar informações, assimilar conteúdo e também demandar experiências. Pretendemos desenvolver nos trabalhos futuros o inventário de casos e amostras que nos permitam dar maiores contornos para essa ideia de amadorismo dentro de uma conjectura ampla e complexa (que vem aos poucos sugerindo uma reorientação nos modos de produção – e, portanto, acenando para o início de uma nova configuração nas relações de trabalho no mundo contemporâneo), assim como demarcar também relações entre essas considerações e fascínio que a imagem com tratamento amador apresenta como forma de experiência menos mediada, e em profunda relação com os entendimentos contemporâneos em torno da noção de realismo. Esse é o amadorismo que nos interessa na atualidade, aquele que não está circunscrito a um campo disciplinar do saber, cujos modos fazem-se articulando (mas não restringindo-se aos vocabulários técnico-especializados), fazendo de sua condição o manejar e situar sua fala percorrendo searas críticas, artísticas e públicas. O amador quer *participar, interferir, ocupar e compartilhar*.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.

ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.